

OPTIME DOCUIT DONATUS: PRISCIANO DISCÍPULO DE DONATO?

Fábio Fortes

Universidade Federal de Juiz de Fora

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4411-7115>

fabiosfortes@yahoo.com.br

RESUMO

Embora o gramático alexandrino Apolônio Díscolo (c. séc. II d.C.) seja lembrado como o modelo gramatical mais importante para a *Ars Prisciani*, não menos importantes parecem ser também as fontes latinas com as quais Prisciano dialoga em sua extensa gramática. Assim, também a *Ars Donati* poderia ser pensada como tendo um papel na construção do pensamento técnico-gramatical de Prisciano. Neste artigo, temos por objetivo oferecer uma abordagem das referências diretas e indiretas a Donato contidas ao longo da *Ars Prisciani*, bem como analisar o modo pelo qual Prisciano faz uso de *exempla* oriundos da tradição artigráfica latina, contidos na *Ars maior*. Pretendemos mostrar que, assim como o *Peri syntáxeos* de Apolônio Díscolo, também os manuais de Donato (especialmente a *Ars maior*) parecem ser tomados como modelos para o desenvolvimento da doutrina gramatical desse autor latino. Além disso, pretendemos mostrar que os *exempla* de Donato são apresentados sob um enquadre teórico diverso, não mais para descrever a *Latinitas* e os fenômenos a ela associados (como os vícios e virtudes do discurso), mas para compreender a extensão do uso linguístico (*usus*).

Palavras-chave: Prisciano; Donato; *exempla*; uso linguístico.

ABSTRACT

Although the Alexandrian grammarian Apollonius Dyscolus (c. 2nd century AD) is remembered as the most important grammatical model for the *Ars Prisciani*, no less important seem to be the Latin sources with which Priscian dialogues in his extensive grammar. Thus, the *Ars Donati* could also be thought of as having a role for the construction of Priscian's technical-grammatical thought. In this article, we aim at offering an approach to the direct and indirect references to Donatus contained throughout the *Ars Prisciani*, as well as to analyze the way in which Priscian makes use of *exempla* from the Latin artigraphic tradition, contained in the *Ars Maior*. We intend to show that, like the *Peri syntáxeos* by Apollonius Dyscolus, the manuals of Donatus (especially the *Ars maior*) also represented models for the development of the grammatical doctrine of this Latin author. In addition, we intend to show that Donatus' *exempla* are presented in a different theoretical framework, no longer to describe the concept of *Latinitas* and the phenomena associated with it (such as the vices and virtues of speech), but to understand the extent of linguistic usage (*usus*).

Keywords: Priscian; Donatus; *exempla*; language use.

INTRODUÇÃO

Possuindo uma imensa fortuna crítica, a *Ars Prisciani* foi objeto de perplexidade já entre os estudiosos da Idade Média. Sendo ao mesmo tempo um empreendimento complexo, porque reunia desenvolvimentos teóricos de fontes diversas, e vasto, porque perfazia um conjunto bastante detalhado de reflexões gramaticais sobre o latim divididas em dezoito livros, a obra de Prisciano foi considerada também não raro obscura e incompreensível. É célebre a crítica que lhe fez o comentador escolástico William de Conches (c. séc. XI), *Priscianus obscuras dat inde diffinitiones neque exponit* (“Prisciano dá definições obscuras e não as explica”, in Jeaneau, 1960, p. 217). Na esteira da edição crítica de Keil (1880-1885), Heymann Steinthal, na sua volumosa história das ciências da linguagem dos gregos e romanos (1890-1891), também considerava inconsistentes as definições presentes na obra de Prisciano.

No entanto, se pela sua complexidade e vastidão, a obra continuou a suscitar investigações que se debruçaram sobre os desenvolvimentos teóricos e epistemológicos da doutrina gramatical nela contida, ela tem, além disso, sido cada vez mais frequentada nos círculos de estudos da Historiografia da Linguística. Com efeito, apenas nos últimos anos, muitos estudos têm colaborado para lançar luz sobre o pensamento de Prisciano, do que são exemplos os trabalhos de Baratin (1989), Luhtala (2005), Fortes (2019), Beccari (2018) e, particularmente, a coletânea organizada por Baratin, Colombat & Holtz (2009), que congrega cerca de quarenta estudos especializados sobre os variados aspectos da obra.

Neste artigo, temos como objetivo oferecer uma primeira abordagem das referências diretas e indiretas a Donato contidas ao longo da *Ars Prisciani*. Nosso objetivo é mostrar que, assim como o *Peri syntáxeos* de Apolônio Díscolo assoma como uma das fontes principais para a doutrina gramatical de Prisciano, também os manuais de Donato (especialmente a *Ars maior*) parecem ser tomados como modelos teóricos no desenvolvimento da doutrina gramatical desse autor latino. Além disso, as menções textuais a Donato operam na obra o papel de argumento de autoridade em diferentes contextos de análise. Oferecemos também um comentário sobre o aproveitamento dos *exempla* de Donato no livro 17 da *Ars Prisciani*, ocasião em que Prisciano os reapresenta em um enquadre teórico diverso, não mais para descrever a *Latinitas* e os fenômenos a ela associados (como os vícios e virtudes do discurso), mas para compreender a extensão do uso de linguístico (*usus*) para além dos mecanismos regulares da sintaxe (a *ratio*).

Seguindo os princípios teóricos e metodológicos da Historiografia da Linguística (Koerner, 1995; 2014; Swiggers, 2010; 2013), no primeiro item deste texto dedicamo-nos a delinear o “clima de opinião” da obra de Prisciano e, no segundo, apresentamos uma análise das referências diretas e indiretas

a Donato nessa obra gramatical. No último item, à guisa de conclusão, apresentamos uma discussão sobre possíveis relações que se podem derivar das duas partes anteriores. Para a obra de Prisciano, seguimos a edição crítica de Baratin *et al.* (2010, 2013, 2017), indicando, entretanto, a numeração de acordo com a edição dos *Grammatici Latini*. Com relação à obra de Donato, seguimos a edição de L. Holtz (1981).

1. UM GRAMÁTICO ENTRE DOIS MUNDOS

Gramático latino do século VI, Prisciano produziu seu pensamento na região helenófono do Império Romano (Robins, 2003; Ballaira, 2009; Bonnet, 2009). Esse fato justifica, em parte, a abordagem teórica e empírica oferecida em sua obra, que se destinava provavelmente a um público que, em sua maioria, não conhecia o latim como língua materna, mas mantinha algum interesse em se aperfeiçoar no domínio dessa língua, idioma que ainda gozava de prestígio simbólico, sendo ainda empregado no direito e no âmbito das instituições romanas da época (Robins, 1993; Cameron, 2004; Honoré, 2004, Garnsey, 2004). A gramática de Prisciano deveria funcionar, portanto, como uma espécie de obra de referência para o aprendizado de latim como L2. Por seu intermédio, os aprendizes dessa língua poderiam ter acesso não somente a uma descrição abrangente da língua estudada, bem como a numerosos exemplos e comparações com a língua grega, de uso mais corrente em Constantinopla. O resultado dessa abordagem é que, no seu conjunto, a obra perfaz uma doutrina “greco-romana” sobre a linguagem, adequada também ao seu contexto bilíngüe de produção e de recepção (Rochette, 2007; Fortes, 2012a, 2014, 2019; Martorelli, 2014).

O texto de Prisciano é prefaciado por uma epístola endereçada a Juliano (GL 2.1-3), que recebe os epítetos de “patrício” e “cônsul”, e a quem o gramático dedica sua obra.¹ Nessa epístola, Prisciano delinea um verdadeiro quadro programático a ser desenvolvido na sequência, destacando, desde o início, o diálogo que pretende manter com a tradição gramatical, sobretudo grega:

¹ Como Prisciano havia dedicado suas três obras mais antigas a Símaco, senador romano, acreditou-se que Juliano também pudesse ser de Roma, mas, conforme Ballaira (1989, p. 82) salienta, estudos mais contemporâneos levaram os filólogos a acreditar que se tratava do poeta epigramático Juliano, autor da *Anthologia Palatina*. Por ter sido *praefectus Urbis* em Constantinopla à época de Anastácio I (491-518 d.C.), os títulos de patrício e cônsul a ele atribuídos parecem justificar-se. Para maiores desdobramentos dessa questão, bem como para as diferenças dos cargos oficiais em Constantinopla, em relação a Roma, recomendamos a leitura da bibliografia em que nos baseamos nesta passagem: Lemerle (1991), Ballaira (1989), Cameron (2004) e Swain & Edwards (2004).

Reconheço que os latinos tornaram célebres em sua própria língua a arte da eloquência e todos os gêneros do conhecimento que, com notoriedade, brilham derivados das fontes gregas; vejo-os, ainda, seguir os passos daqueles em todas as artes liberais, mas, por amor aos mestres, vejo-os reproduzir não somente as que foram por eles apresentadas com correções, mas também alguns dos enganos deles, nos quais, estou convencido, a antiquíssima arte da gramática teria incorrido. Seus autores, quer sejam os mais jovens, quer sejam os mais sábios, são corroborados pelo julgamento de todos os mais eruditos, e teriam florescido pelo talento e prevalecido pela diligência – com efeito, o que de mais seguro que a arte de Herodiano, o que de mais esclarecido que as buscas minuciosas de Apolônio pode ser encontrado? (Prisciano, GL 2.1.1-11).²

No trecho em evidência, algo sobre o método é também revelado: trata-se de “seguir os passos” (*uestigia consequi*) daqueles que o precederam na escrita das artes (*in omnibus illorum uestigia liberalibus consecutos artibus*), retificando, quando possível, os erros que resultaram, por vezes, do empreendimento de gramáticos latinos anteriores. Chama atenção, em particular, o fato de Prisciano citar nominalmente apenas dois gramáticos gregos – Apolônio Díscolo e Herodiano –, deixando em silêncio a obra de gramáticos latinos predecessores, entre os quais poderiam ser citados Donato e Varrão, dois expoentes da tradição latina e que, efetivamente, são também evocados ao longo de sua obra.³

Não se trata, no entanto, como essa ausência poderia sugerir, de uma simples negação da tradição gramatical latina, menos ainda de uma filiação acrítica ao pensamento dos gramáticos alexandrinos, em especial, de Apolônio Díscolo, como de resto, mostramos em outros trabalhos (Fortes, 2012a, 2019). Trata-se, em vez disso, da apresentação de um projeto que, entre outras características que lhe são próprias, estava precisamente a de se colocar como porta-voz de um pensamento unificado sobre a linguagem, unindo o quanto possível ambas as tradições, ainda que sob pena de alguma incoerência teórica (Fortes, 2019). Para esse projeto, importavam pouco as fronteiras linguísticas (e políticas) de um império que há muito se identificava como “greco-latino” (Rochette, 2007; 2014; Veyne, 2009; Edwards, 2004).

Segundo essa perspectiva, podemos não somente compreender a alegação expressa nessa carta programática – de se revisitar e “seguir” as obras dos

² Cf. *cum omnis eloquentiae doctrinam et omne studiorum genus sapientiae luce praeifulgens a Graecorum fontibus deriuatum Latinis proprio sermone inuenio celebrasse et in omnibus illorum uestigia liberalibus consecutos artibus uideo, nec solum ea, quae emendate ab illis sunt prolata, sed etiam quosdam errores eorum amore doctorum deceptos imitari, in quibus maxime uetustissima grammatica ars arguitur peccasse, cuius auctores, quanto sunt iuniores, tanto perspicaciores, et ingenii floruisse et diligentia ualuisse omnium iudicio confirmantur eruditissimorum (quid enim Herodiani artibus certius, quid Apollonii scrupulosis quaestionibus enucleatus possit inueniri?)*

³ Sobre as referências a Varrão em Prisciano, já contamos com o excelente estudo de Lomanto (2009, p. 183-195).

autores gregos –, bem como justificar os elementos constitutivos da própria doutrina gramatical expressa na obra, tais quais o jogo de citações de autores gregos e latinos que Prisciano traz à baila, as constantes comparações e aproximações entre fenômenos gramaticais codificados nas duas línguas (e, nesse sentido, o esforço de identificação teórica das duas gramáticas, a assim chamada hipótese do *utraque lingua*), assim como as discussões que Prisciano entretém com outros gramáticos gregos e latinos, que, seguindo também o costume da gramática alexandrina, são citados e evocados em numerosas passagens da obra.

2. DONATUS DIXIT

A recepção ocidental da obra de Prisciano consagrou, na comparação com a obra de Donato, uma espécie de “concorrência” entre as concepções gramaticais desses dois autores. Com efeito, a obra de Prisciano, após o século IX, seria contraposta aos comentários medievais da *Ars maior* e da *Ars minor*, como uma fonte mais exaustiva e, portanto, mais confiável, de descrições e explicações sobre a língua latina (Grondeux, 2009, p. 445). No entanto, como já observava Louis Holtz em sua edição da obra de Donato (1981, p. 240), essa oposição, que faria iluminar na história da gramática antiga, senão as divergências teóricas, metodológicas e heurísticas presentes entre os trabalhos de Donato e Prisciano, teria levado à compreensão equivocada de que o empreendimento de Prisciano representaria concepção contraposta à tradição latina.⁴ No entanto, se é evidente que Prisciano toma a obra de Apolônio Díscolo como seu modelo declarado – o gramático alexandrino é mencionado nominalmente pelo menos 20 vezes ao longo da gramática de Prisciano (descontadas as outras várias ocasiões em que seu nome é citado nos exemplos), não é menos claro que também Donato desponta como uma espécie de segundo mentor intelectual, sendo também nominalmente citado ao menos em 14 ocasiões ao longo da *Ars Prisciani*, como depreendemos em pesquisa realizada a partir do mecanismo de busca da base de dados do *Corpus corporum*.⁵

Assim como Apolônio Díscolo, é na condição de autoridade do ensino gramatical que Donato é explicitamente citado em várias ocasiões ao longo da

⁴ Cf. On se tromperait pourtant en prenant Priscien pour un révolutionnaire ou en considérant son entreprise comme dirigée contre la conception alors régnante de la grammaire latine. Priscien ne polémique pas. Simplement il sait que les théories d’Apollonios adaptées à la langue latine rendent bien mieux compte de celle-ci que l’enseignement traditionnel. De plus Priscien est sans cesse animé du désir de comparer les faits grecs aux faits latins et cette comparaison même est enrichissante. (Holtz, 1981, p. 240).

⁵ <https://www.mlat.uzh.ch/browser?path=14161/14140/14169/14020&text=14020:1>

Ars Prisciani. Para darmos um exemplo, no final do livro 15, quando, ao falar do acento tonal que se deveria empregar no uso das interjeições, Prisciano afirma: *Optime tamen de accentibus docuit Donatus* (“Quem melhor ensinou sobre os acentos foi Donato...”). Nesse contexto, Prisciano se refere ao fato de que a pronúncia das interjeições não obedece a padrões claros e regulares, mas dependem do tipo de *pathos*, definido apenas à luz de uma certa pragmática, com que determinada expressão é efetivamente usada. Donato é autoridade, portanto, que reforça um dos temas centrais do tratado de Prisciano – a noção de *usus* como aquelas construções correntes na língua, ainda que não inteiramente sujeitas a uma *ratio*, devendo, portanto, ser definidas de acordo com o contexto do seu emprego. Donato é nominalmente citado como autoridade gramatical também no livro 18. Ao fazer um comentário sobre os diferentes usos das preposições – e a polissemia que é inerente a essa categoria – Prisciano afirma: *de quibus sufficienter Donatus docet* (“sobre isso, Donato ensina suficientemente”).

Em outras ocasiões, embora Prisciano não enalteça explicitamente a explicação donatiana, a aprovação fica evidente, quando o gramático de Constantinopla se refere a Donato com os verbos *docet* (“ensina”) e *confirmat* (“confirma”):

Donato confirma isso também na sua segunda arte gramatical, quando, a propósito das preposições, afirma com suas palavras: as preposições isoladamente têm acento agudo, se conjuntas com outras palavras casuais, frequentemente mudam a sua pronúncia, e se tornam graves. (Prisciano, GL3. 27.20-25).⁶

Na passagem em questão, Prisciano se refere novamente à importância do contexto para a atribuição de propriedades semânticas e fonológicas aos advérbios e preposições. Diferentemente dos advérbios, as preposições não possuiriam uma prosódia estável, mas dependeriam do contexto sintático, argumento que Prisciano recupera de Donato, citando *ipsis verbis* o trecho da *Ars maior* (651-5-6 H.).

O mesmo tipo de argumento de autoridade se encontra também mais adiante, ainda no mesmo livro, quando, ao retomar as possíveis construções formadas por preposições, Prisciano recorre novamente à *Ars maior*, como a última palavra sobre o assunto:

Ocorre, entretanto, que nós juntamos *circa* à preposição *circum*, dizendo *circumcirca*, o que também Donato ensina no segundo livro de sua arte gramatical, com essas palavras: [a preposição] ou bem precede um verbo, como *perfero*, ou

⁶ Cf. *idque Donatus etiam in secunda arte de praepositione se intellegere confirmat his uerbis: separatae praepositiones acuiuntur, coniunctae casibus aut loquellis uim suam saepe commutant et graues fiunt.*

bem um advérbio, como *expresse*, ou bem um particípio, como *praecedens*, ou bem uma conjunção, como *absque*, ou bem ela precede a si própria, como *circumcirca*. (Prisciano, GL 3.41.15-19).⁷

Esses exemplos ilustram o fato de que, para a descrição das classes das palavras – tema que Prisciano desenvolve do livro 2 ao livro 16 de sua obra – Prisciano recorre por vezes à lição donatiana, que é apresentada como uma autoridade em assuntos gramaticais. Ao citar nominalmente Donato, Prisciano reforça o seu argumento, conferindo, desse modo, mais valor à sua própria análise.

Nesse sentido, o modo como Prisciano alude a Donato parece não diferir essencialmente do modo como ele se refere também a Apolônio Díscolo em outras ocasiões,⁸ de modo que a obra de ambos os gramáticos parece assomar como referências teóricas para Prisciano. Nas ocorrências em que Donato é evocado, não se nota, portanto, qualquer correção ou ressalva. O único ponto crítico de Prisciano em relação a Donato se percebe não no texto da *Ars Prisciani*, mas no das *Partitiones*, entretanto, mesmo nessa ocasião, trata-se de uma questão menor, meramente terminológica, e não de uma distinção teoricamente relevante. Nessa passagem, Prisciano se refere ao fato de Donato grafar o nome da letra digama de forma equivocada, em sua forma no acusativo (*digammon*), quando, para Prisciano, os nomes de todas as letras deveriam ser indeclináveis:

Com efeito, o nomes das letras, tanto para *a* quanto para as demais letras, são indeclináveis tanto em grego quanto em latim, como *alpha*, *bêta*, *gámma*. Donato não estipulou corretamente <o nome> *digammon*. (Prisciano, *Part.* GL 3 94.8-9).⁹

As passagens acima citadas mostram, em suma, que Prisciano recorre a Donato no que diz respeito às *partes orationis*, não somente no que diz respeito à questão teórica, quanto terminológica. Donato assoma como um interlocutor privilegiado, tal como Apolônio, embora suas posições não sejam tomadas de forma acrítica e sem ressalvas. No entanto, poderíamos nos

⁷ Cf. *est tamen quando circum praepositioni eam subiungimus et circumcirca dicimus, quod et Donatus in secunda arte docet his uerbis: aut uerbum praecedit, ut perfero, aut aduerbium, ut expresse, aut participium, ut praecedens, aut coniunctionem, ut absque, aut se ipsam, ut circumcirca.*

⁸ A relação teórica entre o pensamento de Prisciano e Apolônio já foi bem explorada: Prisciano declara-se filiar à tradição apoloniana, que segue de perto sobretudo em seus dois livros finais, dedicado à sintaxe do latim. No entanto, essa relação não é imediata, como mostram os estudos de Lallot (2009) e Fortes (2019) entre outros.

⁹ Cf. *litterarum uero nomina tam in a quam in quascumque litteras desinentia et apud nos et apud Graecos indeclinabilia sunt ut ἄλφα βῆτα γάμμα. non recte enim digammon Donatus posuit.*

perguntar: e quanto à sintaxe, domínio apresentado nos dois últimos livros de Prisciano, uma reflexão ausente da obra de Donato?

No livro 17, que introduz a seção sintática da obra de Prisciano, texto que, pelo tema que aborda, segue mais de perto o *Perì syntáxeos*, de Apolônio Díscolo, não há uma menção nominal direta a Donato, no entanto, mesmo nesse livro, o gramático de Roma se faz presente de modo implícito. Como já alertava Holtz (1981, p. 241), nesse livro encontramos sistematicamente os *exempla* extraídos da *Ars maior* de Donato, como podemos ver no paralelo abaixo, estabelecido por Holtz:

PRISCIANO, <i>Inst. gram.</i> 17	EXEMPLA	DONATO, <i>Ars maior</i>
GL 3.109.5	<i>reliquias</i> = Virg. <i>Aen.</i> 1.30	H 3.653.8 e 661.1
GL 3.110.9	<i>poet. inc.</i> fg. 4 Mo.	H 3.659.2
GL 3.110.23	Virg. <i>Aen.</i> 1.37	H 3.659.7
GL 3.113.3	Virg. <i>Aen.</i> 6.802	H 3.662.6
GL 3.113.9	Virg. <i>Georg.</i> 3.381	H 3.671.4
GL 3.113.16	Virg. <i>Aen.</i> 2.262 sq.	H 3.666.12
GL 3.113.20	Virg. <i>Aen.</i> 4.593 sq.	H 3.666.16 sq.
GL 3.114.3	<i>disciplina</i>	H 3.654.4
GL 3.115.9	Virg. <i>Aen.</i> 2.37	H 3.657.15

Exempla de Donato (*Ars maior*) apropriados por Prisciano (*Inst. gram.* 17), cf. Holtz (1981, p. 240)

Como se pode depreender da tabela acima, alguns exemplos de que Prisciano se vale no livro 17 são retirados do livro 3 da *Ars maior* de Donato. Como se sabe, a terceira parte da *Ars maior* dedicava-se à análise do *significante*, com vistas à compreensão da *Latinitas*. A preocupação relativa a esse uso específico da língua visava, em primeiro lugar, a estipular um padrão de referência para o uso letrado ou culto da língua latina, tendo em vista o seu emprego para fins poéticos e/ou retóricos (Fortes, 2012b). Nela se definiam e exemplificavam os vícios (*uitia*) e virtudes do discurso (*uirtutes*), sendo um desenvolvimento tipicamente relacionado às *artes* romanas (Baratin, 1994, p. 153; Baratin & Desbordes, 2007, p. 70; Desbordes, 2007, p. 92).

Por outro lado, na obra de Prisciano, a noção de uso linguístico (*usus*), que emerge justamente de suas reflexões sintáticas, ao lado da noção de regra ou regularidade lógica da língua (*ratio*), desvinculou-se do conceito de *Latinitas* tal qual consagrado pelas *artes*. O resultado, então, foi a ressignificação das noções de *barbarismo* e de *solecismo*, que passaram a conotar não desvios em relação à norma do uso poético ou retórico (a *Latinitas*), mas expressões perfeitamente possíveis na língua, ainda que variações (*uariatio*) em relação

ao uso regular (*ratio*) (Fortes, 2018, p. 157-158).¹⁰ É nesse sentido que os *exempla* de Donato aparecem no livro 17 da obra de Prisciano, como podemos constatar na citação abaixo:

Também há a conjunção *-que*, não apenas copulativa, mas também disjuntiva, como em Virgílio, na *Eneida*, II:
 aut pelago Danaum insidias suspectaque dona
 praecipitare iubent subiectisque urere flammis
 [<eles> ordenam ou precipitar as armadilhas dos dânaos e seus presentes suspeitos ao mar, ou queimá-los com chamas por trás, *En.* 2, 36-37], nesse exemplo, empregou-se *-que* em vez de *-ue*. (Prisciano, GL 3.115.6-10)¹¹

Na passagem citada acima, Prisciano apresenta os versos de Virgílio para exemplificar o uso da conjunção enclítica *-que* no sentido disjuntivo de *-ue*, um exemplo de seu uso figurado, que o gramático qualifica como uma variação em relação ao seu sentido regular, de conjunção aditiva (copulativa). O verso de Virgílio, que é o exemplo apresentado por Donato (657.15 H.), naquela obra exemplificava não esse tipo de variação do uso linguístico, mas um *solecismo* no sentido tradicional, um uso, portanto, desaconselhável na língua – a não ser que fosse ratificado pela autoridade de um poeta como Virgílio. Esse mesmo exemplo é também reapresentado como ilustração de solecismo por Diomedes (GL 1.418.1-3), Dositheo (63.4-6 B.), Cledônio (GL 5.74.24) e Pompeu (GL 5.268.12-13), o que acentua ainda mais a fortuna do texto de Donato e seu eco em Prisciano.

No entanto, notamos que, embora Prisciano recorra ao mesmo exemplo de Donato (também consagrado pela tradição donatiana, como vimos), ele o emprega para analisar fenômeno de outra ordem. Nessa transposição de interesses teóricos (da análise da *Latinitas* para a descrição das diferentes construções) evidencia-se um esforço de reorientação da lição de Donato tendo em vista a abordagem de um novo fenômeno – o *uso* linguístico, que consagra construções “irregulares” –, no entanto, também não deixa de

¹⁰ Conforme apresentamos em outro trabalho, no *De constructione*, *ratio* e *usus* são conceitos interpretados em complementaridade, dos quais o gramático lança mão para oferecer explicações sobre as construções regulares da língua, que obedecem claramente à “lógica interna da linguagem” (a *ratio*), como também sobre as ocorrências que, consagradas pelo emprego efetivo e real, parecem estar em desacordo com essa mesma lógica, mas são compreendidas à luz de outro conceito, o de *figura*. Assim, construções que, no contexto das *artes*, eram particularizadas e consideradas como “virtudes” ou “vícios”, tornam-se variações possíveis (*figurae*), expressões comuns e constitutivas da linguagem (Cf. Fortes, 2018).

¹¹ Cf. *Que etiam non solum copulativa, sed etiam disiunctiva invenitur, ut Virgilius in II Aeneidos:*

*Aut pelago Danaum insidias suspectaque dona
 Praecipitare iubent subiectisque urere flammis,
 ‘que’ pro ‘ve’.*

assinalar a permanência do prestígio da coletânea de exemplos oferecida por aquele gramático.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Conforme vimos na análise dos exemplos acima, as menções a Donato ao longo da *Ars* de Prisciano parecem não corroborar aquela contraposição que se estabeleceu entre o projeto gramatical de Prisciano e a concepção donatiana de gramática, não podendo, portanto, justificar-se a premissa de que, redigida no final do mundo Antigo, a *ars Prisciani* propunha-se como substitutiva da antiga tradição romana. Em vez disso, a coexistência do argumento de autoridade que emana tanto da obra de um gramático alexandrino – Apolônio Díscolo – quanto de Donato, permite compreender o empreendimento gramatical de Prisciano como uma espécie de síntese entre dois mundos – de um lado, aquele representado pelo pensamento gramatical grego; de outro, aquele da *ars grammatica* latina. Nesse sentido, a obra de Prisciano assoma não como um equivalente, em latim, da obra de Apolônio, tampouco como uma refutação da obra de Donato. Em um caso, como em outro, a diferença entre Prisciano e seus modelos deve-se ao fato de que, para o gramático de Constantinopla, tratava-se de abolir as fronteiras linguísticas (talvez políticas) que dividiam e ameaçavam a unidade de um império que, cada vez menos, era coeso (Fortes, 2012a).

Essa *démarche* de construção de um discurso teórico em Prisciano significou, no plano da construção textual, mais do que uma superposição de fontes, resultando em um ecletismo teórico, mas, sobretudo, um esforço de integração, também no plano do conhecimento gramatical, das duas culturas de prestígio e em que se equilibrava o assim chamado “século de Justiniano” (518-610). Se é verdade que Justiniano, um dos últimos imperadores de fala latina, de sólida formação clássica (Maas, 2005, p. 5), teve a fixação de restabelecer a unidade e integridade política do império – fazendo mover seus exércitos a oeste, buscando reconquistar a África romana aos vândalos, a Itália aos ostrogodos e uma parte da Hispania aos visigodos (Lemerle, 1991, p. 44; Averil Cameron, 1993, p. 104; Lee, 2005, p. 113), é possível admitir que também no plano da cultura – particularmente, no campo do ensino oficial, onde a gramática tinha ainda papel preponderante (Alan Cameron, 2004, p. 327) – houvesse iniciativas que sublinhassem a unidade simbólica desse império. Assim, parece-nos que a obra de Prisciano, feita sob encomenda para seu emprego no ensino de tipo “universitário” em Constantinopla, representou o desafio de, por um lado, ser eficaz para a aprendizagem de sujeitos em diferentes estágios de bilinguismo, e, por outro, reafirmar do ponto de vista de um discurso teórico uma forma de integração e unidade (linguística, política,

ideológica). É nesse sentido que, embora Prisciano afirme seguir os passos de um autor grego, ele segue também a trilha deixada pelo talvez mais importante gramático latino ocidental.

REFERÊNCIAS

- BALLAIRA, G. (1989). *Prisciano e i suoi amici*. Turim: G. Giappichelli.
- BALLAIRA, G. (2009). Il panegirico di Prisciano ad Anastacio. In: BARATIN, M., COLOMBAT, B & HOLTZ, L. *Priscien*. Transmission et refondation de la grammaire de l'Antiquité aux Modernes. Turnhout-Bélgica: BREPOLS, pp. 3-18.
- BARATIN, M. (1989). La naissance de la Syntaxe a Rome. Paris, Minuit.
- BARATIN, M. (1994). Sur la structure des grammaires antiques. In: DE CLERCQ, J & DESMET, P. *Florilegium historiographiae linguisticae*. Études d'historiographie de la linguistique et de grammaire comparée à la mémoire de Maurice Leroy. Louvain-la-Neuve: Peeters, pp. 143-157.
- BARATIN, M. & DESBORDES, F. (2007). La 'troisième partie' de l'ars grammatica. In: DESBORDES, F. *Idées grecques et romaines sur le langage*. Travaux d'histoire et d'épistémologie. Lyon: ENS éditions, pp. 65-90.
- BARATIN, M. et al. (eds.) (2010). *Priscien. Grammaire. Livre XVII- Syntaxe, 1*. Texte latin, traduction introduite et annotée par le Groupe *Ars Grammatica*. Paris: Vrin.
- BARATIN, M. et al. (eds.) (2013). *Priscien. Grammaire, Livres XIV-XV-XVI: Les invariables*. Texte latin, traduction introduite et annotée par le Groupe *Ars Grammatica*. Paris: Vrin.
- BARATIN, M. et al. (eds.) (2017). *Priscien. Grammaire Livre XVIII – Syntaxe, 2*. Texte latin, traduction introduite et annotée par le Groupe *Ars Grammatica*. Paris: Vrin.
- BARATIN, M.; COLOMBAT, B.; HOLTZ, L. (2009). *Priscien*. Transmission et refondation de la grammaire de l'Antiquité aux Modernes. Turnhout-Bélgica: Brepols.
- BECCARI, A. J. (2018). O Livro XVII das *Institutiones grammaticae* de Prisciano: permanência ou descontinuidade em Tomás de Erfurt e Jeronymo Soares Barbosa. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 47, n. 1, pp. 87-101.
- BONNET, G. (2009). La géographie de Priscien. In: BARATIN, M., COLOMBAT, B. & HOLTZ, L. *Priscien*. Transmission et refondation de la grammaire de l'Antiquité aux Modernes. Turnhout-Bélgica: Brepols, pp. 19-34.
- CAMERON, Alan. (2004). Poetry and Literary Culture in Late Antiquity. In: SWAIN, S. & EDWARDS, M. *Approaching Late Antiquity*. Oxford: Oxford University Press, pp. 327-354.
- CAMERON, Averil (1993). *The Mediterranean World in Late Antiquity AD 395–600*. Londres: Routledge.
- DESBORDES, F. (2007). *Latinitas*: constitution et évolution d'un modèle de l'identité linguistique. In: _____. *Idées grecques et romaines sur le langage*. Travaux d'histoire et d'épistémologie. Lyon, ENS éditions, pp. 91-106.
- EDWARDS, M. (2004). *Romanitas* and the Church of Rome. In: SWAIN, S. & EDWARDS, M. *Approaching Late Antiquity*. Oxford: Oxford University Press, pp. 187-210.
- FORTES, F. (2012a). *Sintaxe greco-romana*. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/UNICAMP.
- FORTES, F. (2012b). Uso, variação e norma na tradição gramatical latina. *Signum – Estudos da Linguagem* 15/2, pp. 197-214. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/12543/12088>, acessado em 27 jul. 2022.
- FORTES, F. (2014). Comparações e contrastes entre o grego e o latim como estratégia explicativa no *De constructione*. *Classica*. Revista Brasileira de Estudos Clássicos, v. 14, pp.

- 31-51. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/221>, acessado em 27 jul. 2022.
- FORTES, F. (2018). O que dizemos e o que ninguém diz: reflexões sobre uso, variação e gramaticalidade do latim a partir do De constructione, de Prisciano (séc. VI d.C.). *ÁGORA – Estudos Clássicos em Debate*. Aveiro-Portugal, v. 20, pp. 155-72. Disponível em: <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/8.deconstructione.pdf>, acessado em 27 jul. 2022.
- FORTES, F. (2019). *A construção da língua greco-romana*. Apolônio Díscolo e Prisciano na história do pensamento gramatical antigo. Juiz de Fora: Editora da UFJF.
- GARNSEY, P. (2004). Roman Citizenship and Roman Law in the Late Empire. In: SWAIN, S. & EDWARDS, M. *Approaching Late Antiquity*. Oxford: Oxford University Press, pp. 133-155.
- GRONDEUX, A. (2009). Influences de Consentius et Priscien sur la lecture de Donat. L'exemple des *res proprie significate* (VII^e-IX^e siècles). In: BARATIN, M., COLOMBAT, B. & HOLTZ, L. *Priscien*. Transmission et refondation de la grammaire de l'Antiquité aux Modernes. Turnhout-Bélgica: Brepols, pp. 445-462.
- HOLTZ, L. (1981). *Donat et la tradition de l'enseignement grammatical*. Étude sur l'Ars Donati et sa diffusion (IV^e-IX^e siècle) et édition critique. Paris: CNRS.
- HONORÉ, T. (2004). Roman Law AD 200-400: From Cosmopolis to Rechtstaat? In: SWAIN, S. & EDWARDS, M. *Approaching Late Antiquity*. Oxford: Oxford University Press, pp. 109-132.
- JEAUNEAU, E. (1960). Deux rédactions des gloses de Guillaume de Conches sur Priscien. *Recherches de théologie ancienne et médiévale*, 27, pp. 212-247.
- KOERNER, E. F. K. (2014). *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Tradução de Cristina Altman et al. Braga: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- KOERNER, K. (1995). *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins.
- LALLOT, J. (2009). Entre Apollonius et Planude: Priscien passeur. In: BARATIN, M., COLOMBAT, B. & HOLTZ, L. *Priscien*. Transmission et refondation de la grammaire de l'Antiquité aux Modernes. Turnhout-Bélgica: Brepols, pp. 153-166.
- LEE, A. D. (2005). The Empire at War. In: MAAS, M. (ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 113-133.
- LEMERLE, P. (1991). *História de Bizâncio*. São Paulo: Martins Fontes.
- LOMANTO, V. (2009). Le citazioni di Varrone in Prisciano. In: BARATIN, M., COLOMBAT, B. & HOLTZ, L. *Priscien*. Transmission et refondation de la grammaire de l'Antiquité aux Modernes. Turnhout-Bélgica: Brepols, pp. 183-196.
- LUHTALA, A. (2005). *Grammar and Philosophy in Late Antiquity*. Studies in the history of language sciences. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins.
- MAAS, M. (2005). Roman Questions, Byzantine Answers: Contours of the Age of Justinian. In: _____ (ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 3-27.
- MARTORELLI, L. (Org) (2014). *Greco antico nell'Occidente carolingio*. Frammenti di testi attici nell'Ars di Prisciano. Zurique: OLMS.
- ROBINS, R. H. (1993). *The Byzantine Grammarians*. Their place in history. Berlim/Nova York: Mouton de Gruyter.
- ROCHETTE, B. (2007). L'enseignement du latin dans la partie hellénophone de l'Empire romain: objectifs et méthodes. In: SANCHEZ-OSTIZ, A.; GUERRA, J. B. T.; MARTÍNEZ, R. *De Grecia a Roma y de Roma a Grecia*. Un camino de ide y de vuelta. Esparza de Galar (Navarra): Ediciones Universidad de Navarra, pp. 47-64.
- ROCHETTE, B. (2014). *Vtriusque sermonis cognatio*. La lexicographie bilingue à la fin de l'Antiquité. In: MARTORELLI, L. (ed.). *Greco antico nell'Occidente carolingio*. Frammenti di testi attici nell'Ars di Prisciano. Zurique: OLMS, pp. 3-32.

- STEINHAL, H. (1890-1891). *Geschichte der Sprachwissenschaft bei den Griechen und Römern*. 2. ed. Berlim: Dümmlers.
- SWAIN, S. & EDWARDS, M. (2004). *Approaching Late Antiquity*. Oxford: Oxford University Press.
- SWIGGERS, P. (2010). História e Historiografia da Linguística: Status, Modelos e Classificações. Traduzido por Cristina Altman. *EUTOMIA. Revista Online de Literatura e Linguística*, 3 (2), <http://www.Revistaeutiomia.com.br/eutomia-ano3-volume2-destaques.html>
- SWIGGERS, P. (2013). A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. Confluência. *Revista do Instituto de Lingua Portuguesa*, 44-45, pp. 39-59.
- VEYNE, P. (2009). *O império greco-romano*. Tradução de Marisa Motta. Rio de Janeiro: Elsevier.

Recebido: 11/8/2022

Aceito: 30/8/2022

Publicado: 5/9/2022

Rev. est. class., Campinas, SP, v.22, p. 1-13, e022007, 2022